

UMA CIDADE COMUM



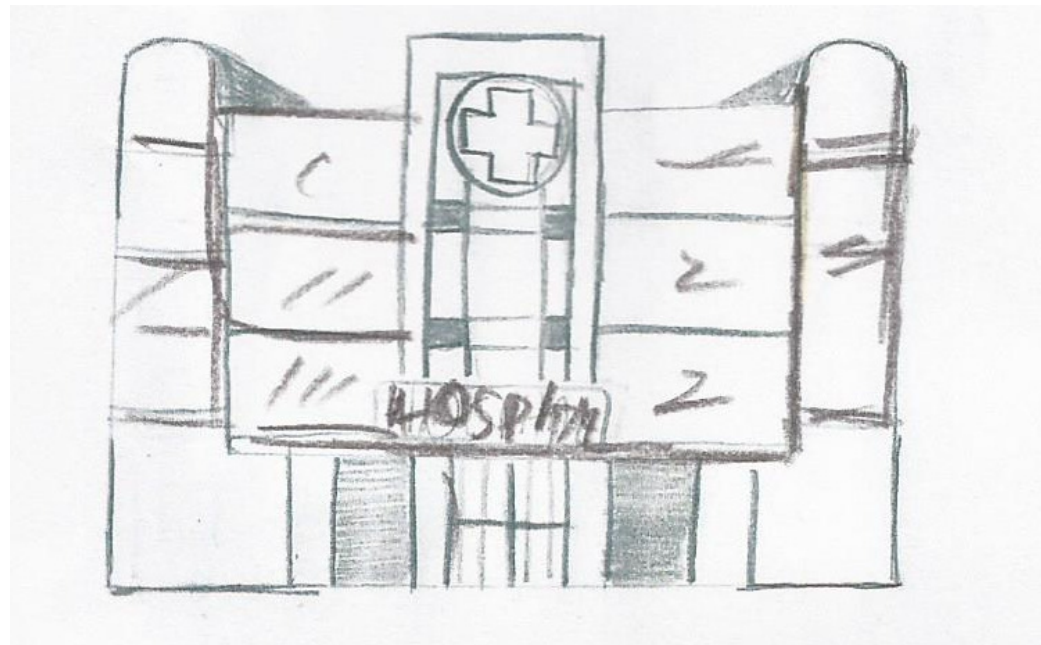
WALTER ANTONIO DE SANTI VERONEZE

Uma cidade, nem grande nem pequena, entre o caminho da capital e a fronteira internacional; outro país.

Com muita gente dos arredores estudando, trabalhando, e tratando de sua saúde.

Cachorros correndo pelas ruas esburacadas.

Uma menina no celular deitada chamando pelos amigos.



Uma noite quente como sempre

A televisão ligada e um homem vence disparado as eleições

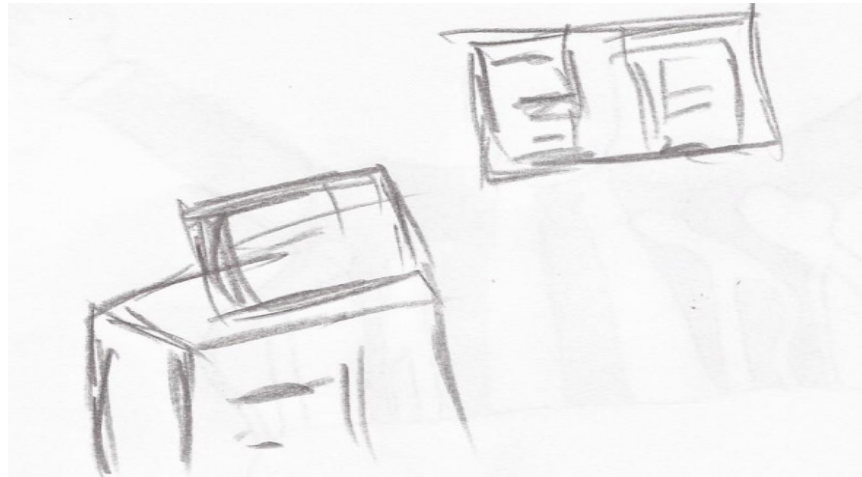
O salvador, diferente dos demais.

Que tocava a campainha da casa dos pobres para ajudar em seu tratamento;

Que comia com colher cuspidando nos outros;

A menina com o celular no bolso, ouvindo música,

Deitada em sua cama.



O “herói” então fez o que não devia e como todos os outros

Ficou rico rapidamente, pegou em milhares, em milhões de reais que eram do povo.

E rapidamente trocou de mulher, uma mais nova ocupou sua cama e se apaixonaram.

Mas a cobiça e inveja são devastadoras.

E o pouco não era suficiente mais, tinha que ser muito.

E a menina atendeu uma ligação pelo celular, apenas uma.



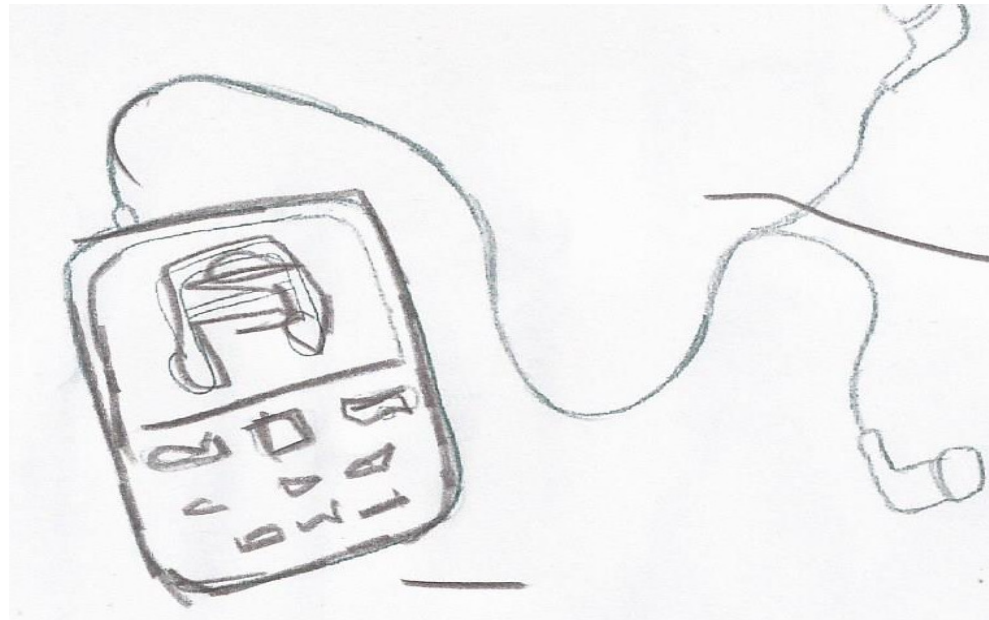
Então o gravaram com a fortuna dos outros em suas mãos;

Mãos sujas, imundas, irresponsáveis.

Puxa vida! O mundo todo ficou sabendo disso, que vergonha.

A solução era colocar outro no lugar e assim os “importantes” fizeram.

E a menina no celular ouvia música, uma após outra.





Então veio outro para seu lugar.

Que seria diferente e não precisa de dinheiro - já tinha muito

Esse novo homem parecia inteligente, mas tinha

Então o que precisava na apenas fez “o que não

Mas além de tudo, era os outros

A menina tapou os outro com o celular.



ser bom, era letrado, uma mulher feia

cidade ficou para trás e ele devia”

apenas político - Sujo como

ouvidos, um com a mão

Então seu tempo duplo passou e os buracos no asfalto por todos os lados ficaram
O jornal que idolatrava esse senhor agora o criticava
Seu mandato acabou e a mulher feia saiu também da mídia
E uma nova mulher tomou seu lugar; Esperta, cuidado!
A menina fecha a porta do quarto e pega o celular.



A mesma coisa dos outros é a história dessa prefeitura, e de todas

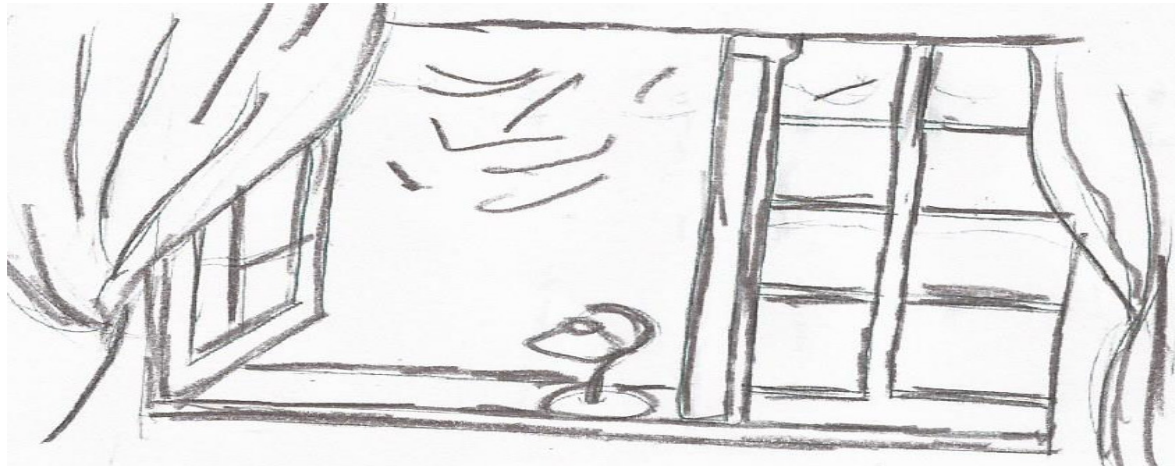
Tudo igual aos anteriores, nada diferente

Os buracos nas ruas continuam aí

Os postos de saúde imundos como sempre

Hospitais vergonhosos

E a menina abre a janela e vê o sol entrar e iluminar o quarto.

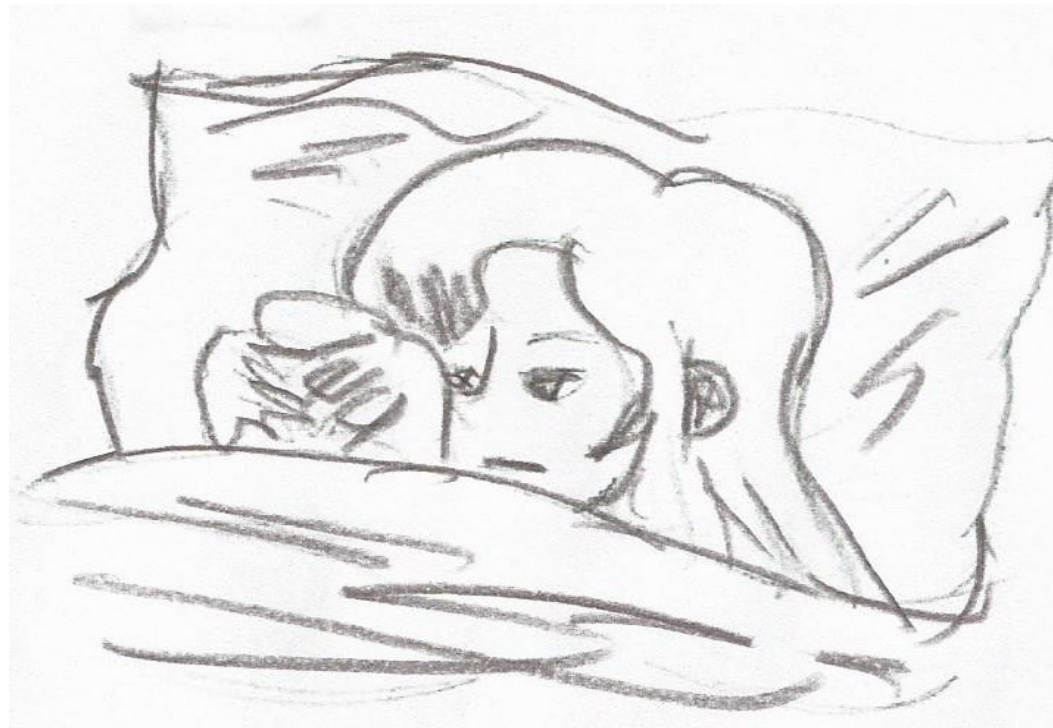


E o jornal agora fala bem da nova comandante;

Excelente, rumo ao futuro, inovação.

Mas tudo continua como sempre e dia após dia tudo igual.

E o celular continua lá.

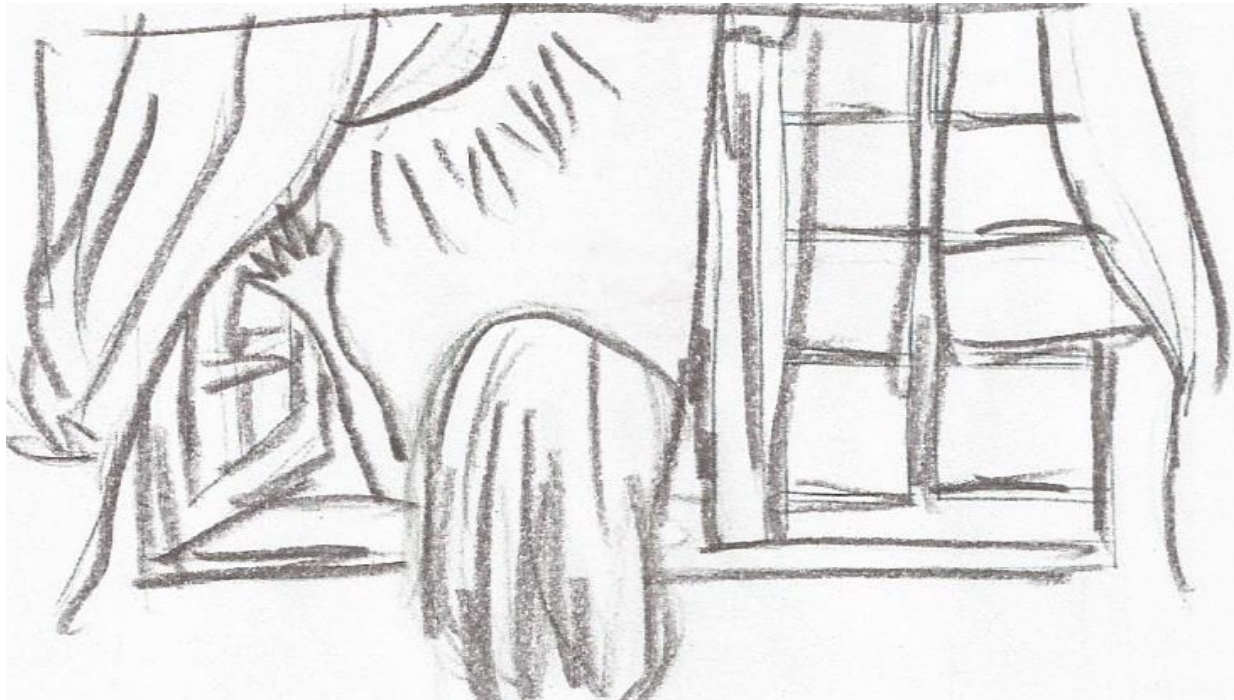


Num evento 100 convidados e 200 políticos bajuladores

Tomam conta de tudo

“não pode estacionar aí meu senhor, está reservado para a prefeita”, diz o segurança de uma festa privada

A menina com o celular na mão vê notícias tristes da cidade



As praças estão abandonadas

E uma multidão de gente contratada pela prefeitura nem sabe onde é seu trabalho

Policiais viram a cara quando vêem um assalto.

Um buraco tapado custou a construção de uma casa popular

E a menina feliz no quarto responde por horas mensagens de whatsapp.





Nas escolas os professores devem calar a boca, afinal o aluno tem mais autoridade

E a prefeitura deixou isso claro às escolas

O lixo jogado nas calçadas fica por ali

Afinal a prefeitura tem mais trabalho.

Enquanto isso a menina vai caminhar e seu celular em seu bolso da calça.

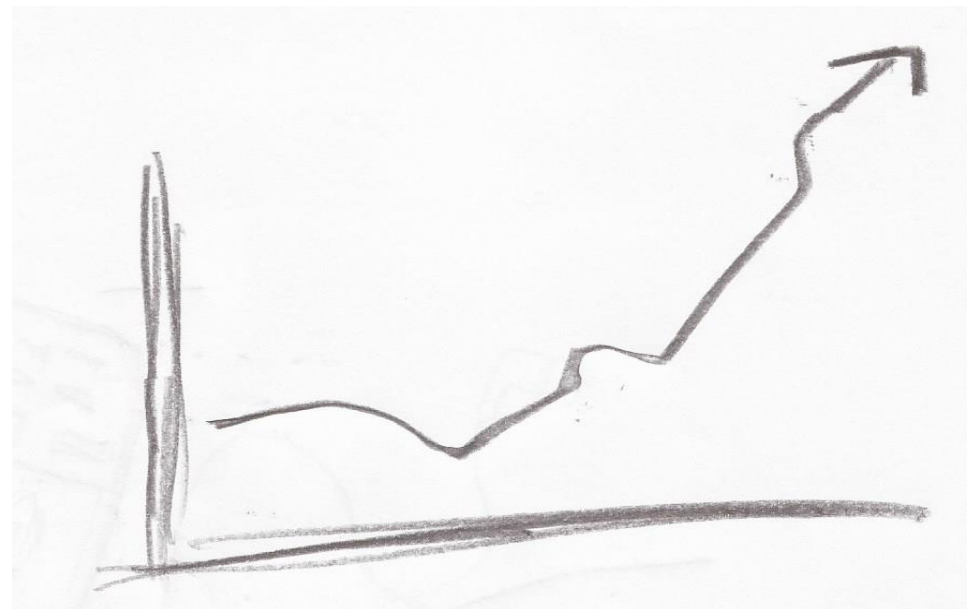


Durma meu povo, que a prefeitura precisa ganhar

O imposto aumenta, aumenta para o trabalhador e os olhos dos políticos brilham
mais uma vez,

Podemos abusar e os idiotas precisam trabalhar

A menina ouve um pássaro na janela e não é pelo celular.



As ruas agora estão brancas, um fino pó caiu durante a noite por todos os cantos

O que será?

É coisa que vem do outro lado da fronteira.

“pergunta para a prefeitura”, diz um homem sentado na calçada

E a menina com o celular na mão faz que não ouve.

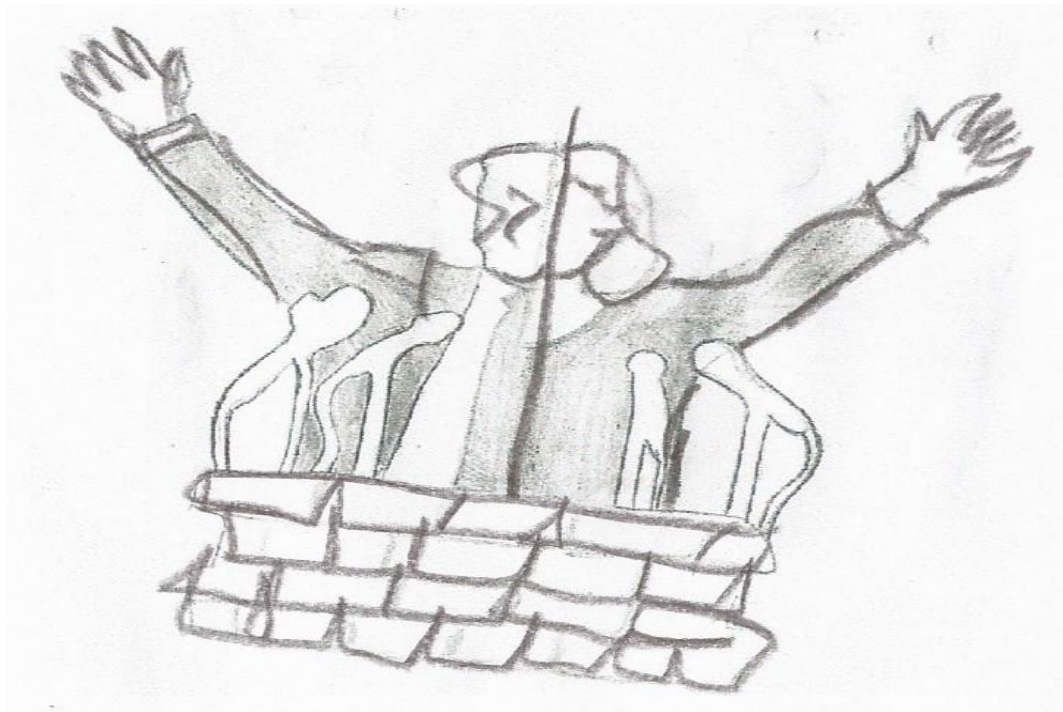


Estranhos entram na cidade pegam o que querem e vão embora

Participam de uma festa da prefeitura e desaparecem

E a menina viu pelo celular um peixe sendo morto.

“mas, como?” apenas quis saber.



Os partidos que discutem e se acusam estão todos na mesma mesa do bar,
Contando piada e rindo como amigos
Por baixo da toalha, um envelope vai, outro vem
E assim durante toda a noite.
E a menina calça os chinelos e no bolso coloca o celular que está na mesa.



“você votou nela e agora reclama?”

“não sabia que era assim?”

“você é um idiota se pensa que são diferentes”

São as conversas de todos por todos os lados, mas nada fazem, apenas trabalham a língua.

E a menina anota no celular o que é importante



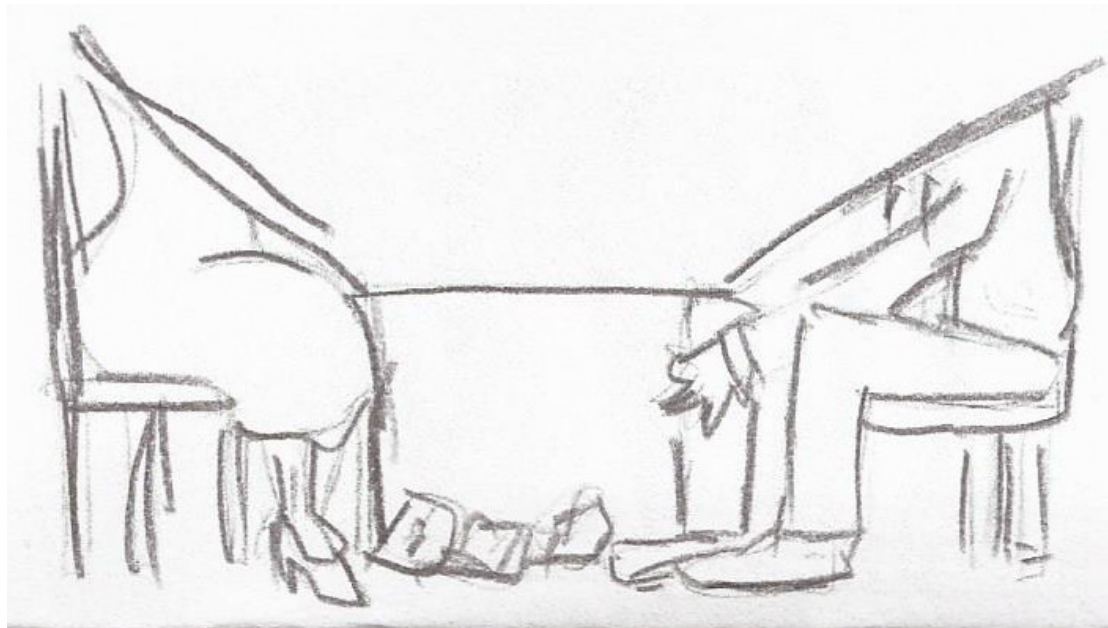
Parem com isso todos são da mesma laia

Já não sabiam.

Nenhum deles é diferente do outro

Coloque isso na sua cabeça vazia.

E continuava a anotação da menina no celular.



Então porque não fazemos a nossa parte

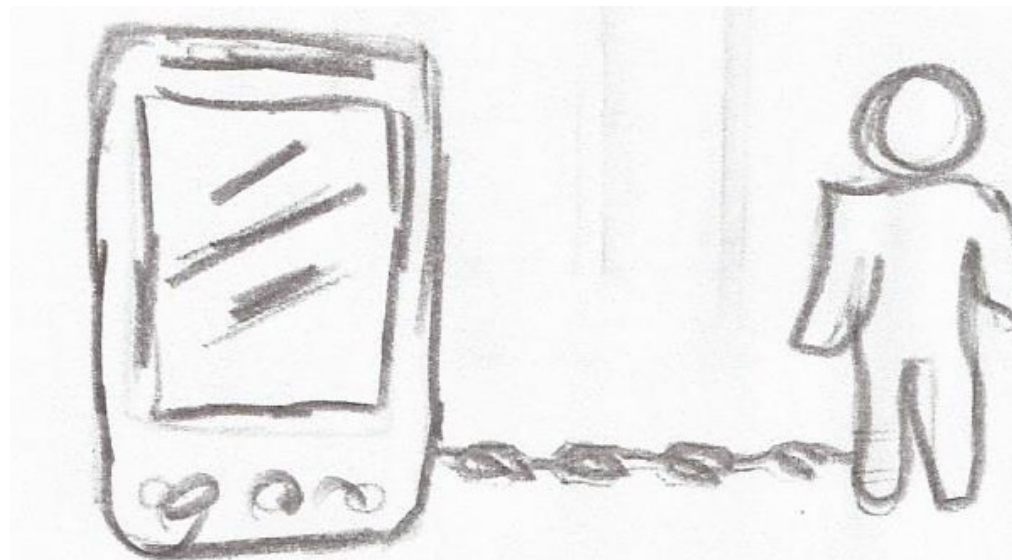
E deixemos esses vagabundos, ladrões de lado

Apenas não vote mais.

Esqueçam deles.

E cuide de sua casa.

A menina errou algumas anotações, mas o celular as corrigiu.

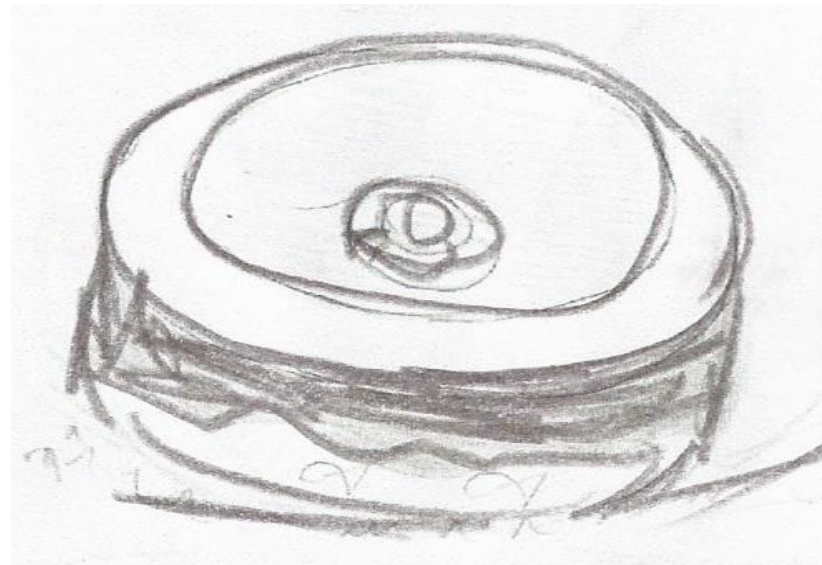


Em breve novas eleições e você vai discutir com os amigos por causa desses canalhas.

Coloque a cabeça dentro de um desses buracos na rua que permanecem aí por todo o sempre

E cuide de sua família.

A menina então levantou, saiu do quarto, desligou a televisão, caminhou para o quintal e sentou com a família.

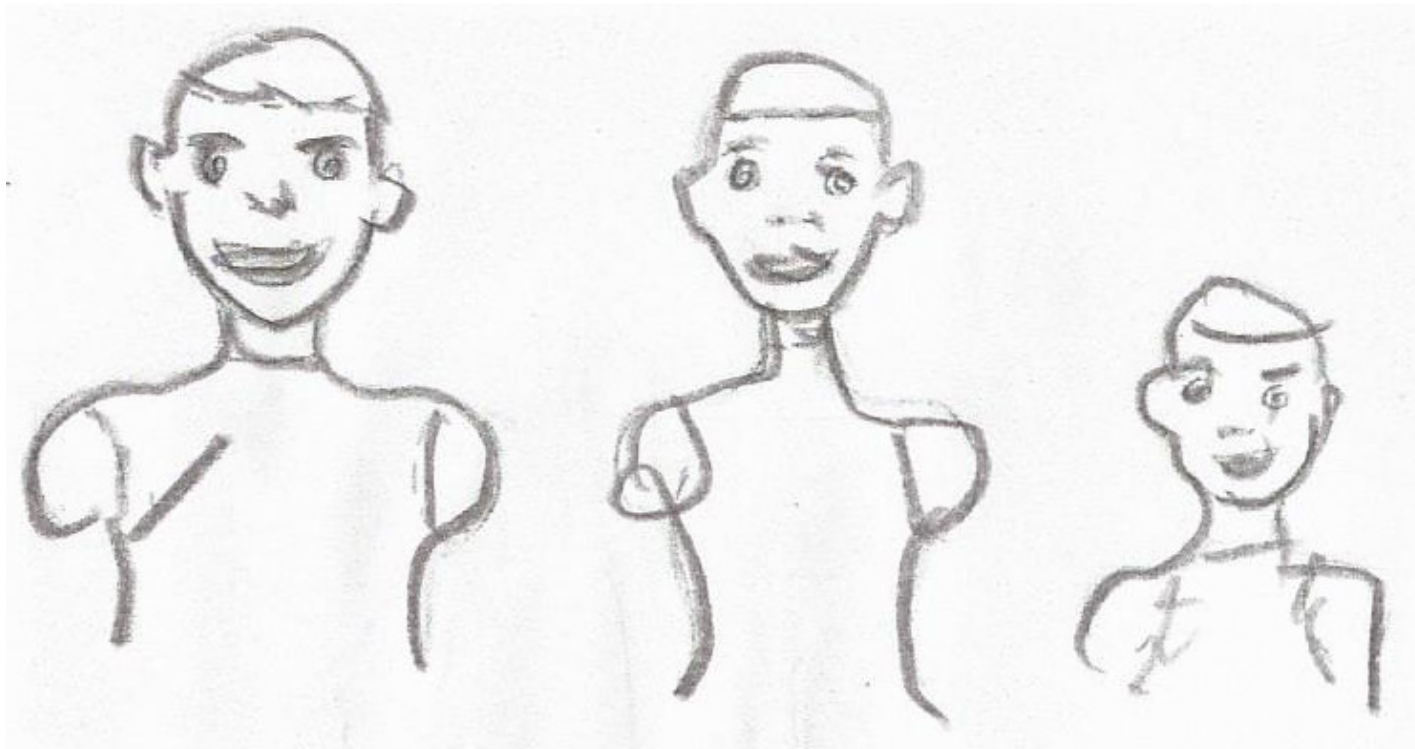




Tomaram um tererê e conversaram sobre o futuro deles.

E todos riram, pensaram e se ajudaram.

E foram para cama, chegaria outro dia.



E os problemas da cidade ficaram de lado

Continuaram lá, um dia após o outro, anos se passaram e novas gerações discutiram os mesmos problemas.

E nada mudou.



O texto acima criado para representar uma cidade de um estado limítrofe com um país estrangeiro, representa também a grande maioria de todos os municípios do Brasil, e os problemas apresentados para esta cidade são comuns a todos eles, sendo uma cidade maior ou menor da mencionada no texto, quer tenha um novo político ou um político de carreira, a situação é muito parecida e tanto a prefeitura como a câmara contam com o apoio (geralmente) da mídia local para acobertar as falcatruas que ocorrem a cada instante, a cada obra superfaturada e a cada obra inacabada.

O que fazer? O ponta pé inicial se dá em casa, no ambiente restrito de uma família onde a educação deve começar e em nenhum outro lugar, somente assim poder-se-á haver uma esperança de mudança.

Não adianta escolher, para votar, “no menos pior”, como se diz diariamente, afinal o sistema como um todo é corrupto e não há esperança de mudança por esta forma de democracia.

Comece em sua casa. Pense nisso.

Os desenhos deste livro são de Raissa Sant'ana Veroneze, alguns idealizados e criados por ela e outros com base em desenho da internet.

As fotos que aparecem no livro, inclusive a foto da capa foram tiradas por um drone em 25 de junho de 2017.

O texto do livro criado pelo autor.

